

A VARIAÇÃO SOCIAL EM AREIA, ESTADO DA PARAÍBA, BRASIL

Naidea Nunes Nunes
Universidade da Madeira

Resumo: *Este estudo pretende reflectir sobre a variação social existente na comunidade linguística da cidade de Areia, no estado da Paraíba dentro do contexto actual, a partir de entrevistas realizadas no local em Agosto de 2006, no âmbito do projecto da Terminologia Açucareira Actual no Atlântico (Madeira, Canárias, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Brasil). Analisaremos as variantes linguísticas mais recorrentes na fala dos informantes, um homem e uma mulher, que trabalham na área da produção açucareira, tendo em conta os factores de variação social: sexo, idade e escolaridade.*

27

Palavras-chave: *Sociolinguística; Léxico; Morfologia.*

O presente artigo enquadra-se no âmbito do Mestrado em Estudos Interculturais, com especialização em Estudos Luso-Brasileiros, criado em 2005 por docentes do Departamento de Estudos Romanísticos. O objecto da nossa investigação é o estudo da variação social na cidade de Areia, Estado da Paraíba, Brasil, a partir de materiais linguísticos recolhidos no local em Agosto de 2006, tentando sublinhar fenómenos discursivos singulares.

Foi a partir das entrevistas da terminologia açucareira, realizadas na cidade de Areia, no Estado da Paraíba, Brasil, que constatamos a ocorrência das tendências de variação social já estudadas nas grandes cidades brasileiras, dando conta da variação social actual existente nesta localidade, segundo os seguintes factores: sexo, idade, escolaridade e nível sócio-económico dos entrevistados. Propomo-nos estudar apenas as variantes linguísticas mais recorrentes no discurso dos falantes em análise.

Iniciamos o trabalho com uma breve apresentação da fundamentação teórica, de aspectos metodológicos e de resultados de estudos sociolinguísticos do Brasil, seguindo-se a análise da variação social, através das variantes linguísticas: *a gente versus nós*, construções gerundivas, concordância de número, formas verbais, anáfora, formas diminutivas e algumas alterações fonéticas.

Fundamentação teórica

A Sociolinguística surgiu no início dos anos sessenta com William Labov que realizou os primeiros estudos sobre variação social em grupos urbanos complexos, ao contrário da dialectologia tradicional que estuda grupos rurais idosos. Labov conseguiu provar que a mudança é observável na sincronia pela avaliação da heterogeneidade linguística dos grupos sociais, sendo que a variação social conduz à mudança linguística.

A Sociolinguística e a Teoria da Variação consideram algumas variáveis não linguísticas ou extralinguísticas (sexo ou género, idade ou faixa etária, escolaridade ou nível de instrução e contexto ou estilo), considerando também, posteriormente, determinadas variáveis internas, linguísticas ou estruturais (fonético-fonológicas, morfossintáticas, semânticas e discursivas). Assim, a variação social ou diastrática (do grego *stratos*, camada ou nível) é estudada pela sociolinguística, procurando estabelecer correlação entre variáveis sociais e fenómenos linguísticos numa determinada comunidade. A partir da sociolinguística, Labov mostrou a heterogeneidade do uso da língua, necessária para satisfazer as exigências linguísticas da vida quotidiana. Ele sublinhou também que a estratificação do uso da língua na sociedade não é caótica, obedecendo a determinadas regularidades. A norma ou língua padrão é determinada por factores extralinguísticos, tendo prestígio social, em detrimento da língua popular desvalorizada, embora esta seja previsível e legítima do ponto de vista da sociolinguística. Assim, alguns linguistas chamam *sociolecto* a uma variedade linguística partilhada por um grupo social.

Weinreich, Labov e Herzog (2006) reafirmam a variabilidade e a heterogeneidade ordenada da língua em vez da homogeneidade, procurando harmonizar os factos da heterogeneidade (a língua como uma realidade inerentemente variável) com a abordagem estrutural (a língua como uma realidade inerentemente ordenada). Os autores referidos entendem a heterogeneidade como codificada em alto grau e integrada na competência linguística do falante. Deste modo, os estudos de sociolinguística apresentam grande interesse, contribuindo

principalmente para o melhor conhecimento da fala popular face à norma padrão ou culta.

Em relação à ocorrência de formas conservadoras e inovadoras, os autores referidos supõem a coexistência sob alternância, numa mesma comunidade linguística e num mesmo falante, das formas *original* e *inovadora* e o desfavorecimento gradual da primeira em prol da segunda por motivações sociais. Os estudos sociolinguísticos realizados confirmam que a estrutura linguística inclui não só unidades definidas por função contrastiva, mas também unidades definidas pelo seu papel estilístico, identificando a pertença do falante a um subgrupo específico da comunidade:

Encontramos na maioria das comunidades de fala formas distintas da mesma língua que coexistem, grosso modo, na mesma proporção em todas as sub-regiões geográficas da comunidade. Este é o caso não somente de áreas urbanas como Nova York, Londres ou Paris, mas também em comunidades rurais [...]. Estas formas coexistentes podem ser conhecidas como “estilos”, mas também como “padrões”, “gírias”, “jargões”, “jeito antigo de falar” (“old talk”), “níveis culturais” ou “variedades funcionais”. Tais formas oferecem meios alternativos de dizer a mesma coisa, ou seja, para cada enunciado em A existe um enunciado correspondente em B que oferece a mesma informação referencial (é sinónimo). (Weinreich, Labov e Herzog, 2006: 96-97).

Weinreich, Labov e Herzog afirmam que os estudos sociolinguísticos mostram a existência de um sistema ordenadamente heterogéneo em que a escolha entre alternativas linguísticas acarreta funções sociais e estilísticas, um sistema que muda acompanhando as mudanças na estrutura social. Segundo os mesmos autores, a variabilidade está associada à função de estilo, classe e faixa etária do falante. Assim, as variáveis ou variantes linguísticas correspondem a uma estratificação estilística e social: “A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala, sendo que o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogéneas” (2006: 125). William Labov explica-nos a importância do estudo da fala do indivíduo para chegarmos à análise da fala da comunidade:

each individual shows a personal profile of the comparative use of resources made available by the speech community. [...] the position of this study is that these individuals are not the final units of linguistic analysis, but the components that are used to construct models of our primary object of interest, the speech community (2001: 34).

O lema da sociolinguística, disciplina que estuda a variação social, é que todas as variações são legítimas e previsíveis, ou seja, apesar da imposição da norma padrão da escola, com prestígio social, as variações do português popular, sem prestígio social, são tão ou mais legítimas e previsíveis do que o português padrão, devido ao facto de apresentarem formas mais antigas, transmitidas de geração em geração através da oralidade, nos meios rurais mais isolados e menos escolarizados.

Marli Quadros Leite, no artigo «Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social no léxico», afirma que a dicotomia norma culta versus norma popular é problemática, referindo, no entanto, que em todos os lugares do mundo existe essa dicotomia. A autora escreve:

30

Não se pode partir da premissa de que as normas culta e popular sejam estanques, isoladas umas das outras. Ao contrário, ambas se enriquecem mutuamente pelo contato de seus usuários, e, como se sabe, essa é uma das causas que levam à variação linguística (2003: 19).

Acrescenta ainda que:

nas grandes cidades, os usuários praticantes das duas normas estão em contato direto entre si, e isso os impele a uma troca linguística e, conseqüentemente, a um aproveitamento recíproco de normas. Por isso não é incomum verificarmos marcas da linguagem culta na norma popular, e vice-versa, a depender da situação de comunicação. (2003: 20).

Daqui se conclui que o contacto intenso e directo entre falantes das normas culta e popular leva, naturalmente, a uma simbiose em que tanto a norma popular fica marcada pela culta como a culta pela popular. A mesma autora informa que, no Português do Brasil,

Como marcas específicas da linguagem culta, notam-se, principalmente, o emprego de vocabulário amplo e de significação precisa, de menor uso na linguagem comum; o emprego de estruturas sintáticas tradicionais da língua e a concordância e regência nominal e verbal. Quanto às marcas da linguagem popular, notam-se, por exemplo, a ausência da marca de plural no determinante do sintagma nominal que tem o determinado no plural; a utilização de gírias e vocábulos de expressões de intensidade; mistura das formas de tratamento tu/você; uso do pronome sujeito na posição de objeto; formas irregulares do subjuntivo confundidas com o infinitivo; formas onomatopaicas; discordâncias entre verbo e sujeito, especialmente do sujeito posposto; regências de verbo de movimento com preposição *em* (2003: 22).

Aspectos metodológicos

Depois de escolher a comunidade a estudar, o pesquisador decide quantos falantes deverá entrevistar, constituindo uma amostra sociolinguística. A selecção dos falantes deve ser aleatória e estratificada, a fim de englobar todos os estratos da população. Para proceder a este método, divide-se a população em estratos compostos de indivíduos com as mesmas características sociais, havendo amostras com células de dois falantes, considerando o mesmo número de homens e de mulheres que é aproximadamente o mesmo numa comunidade. A probabilidade de que os resultados sejam fidedignos é directamente proporcional ao tamanho da amostra.

Os materiais linguísticos utilizados para este estudo de variação social foram recolhidos na cidade de Areia, Estado da Paraíba, no Brasil, em Agosto de 2006, aquando da nossa deslocação para realizar os inquéritos linguísticos sobre a produção açucareira actual de cariz tradicional e artesanal, no âmbito do projecto de Pós-Doutoramento intitulado "Terminologia açucareira no Atlântico: património linguístico-cultural madeirense". Depois de termos aplicado o questionário sobre a cultura açucareira na Madeira, tendo realizado entrevistas aos cultivadores de cana-de-açúcar e aos trabalhadores de engenho, nos anos 1999 e 2000, e de nos termos deslocado a Cabo Verde, Canárias e S. Tomé e Príncipe, percorremos o Brasil de Norte a Sul, desde o Estado da Paraíba até o Estado do Rio Grande do Sul, realizando entrevistas aos cultivadores de cana-de-açúcar e aos trabalhadores de engenho.



No Estado da Paraíba existe um projecto intitulado “Variação Linguística no Estado da Paraíba” (VALPB), iniciado em 1993, na Universidade Federal da Paraíba, que visa conhecer e descrever a realidade linguística da capital do Estado, João Pessoa, nos seus diversos aspectos, cujas entrevistas foram compiladas em vários volumes de acordo com a faixa etária e o nível de escolarização dos entrevistados. No entanto, neste artigo não faremos referência aos dados desse estudo, uma vez que o nosso trabalho pretende apenas dar conta de algumas variações linguísticas e sociais entre dois informantes da cidade de Areia.

Seleccionámos a cidade de Areia, no Estado da Paraíba, por esta ser uma região com uma grande tradição açucareira. Devido às limitações de espaço deste artigo, tivemos de restringir os materiais linguísticos estudados a dois falantes da localidade. Os dois informantes são: uma mulher com 45 anos e escolarização média, proprietária do Engenho Triunfo em Areia (F0001) e um homem de 58 anos com escolarização básica, funcionário do Museu da Rapadura e da Cachaça em Areia (F0002). Como podemos verificar, os dois indivíduos não pertencem ao mesmo estrato social, pois trata-se de um homem e uma mulher com idades e níveis de escolarização diferentes, o que nos impede de especificar se determinada variação encontrada se deve ao factor sexo, idade ou escolarização. Neste caso, a selecção dos informantes foi condicionada pela temática da entrevista, uma vez que a cultura açucareira é uma área de actividade essencialmente masculina, sendo muito poucas as mulheres entrevistadas. Porém, consideramos que os materiais estudados permitem observar a variação social, tendo em conta os factores extralinguísticos: sexo, idade e nível de escolarização dos dois informantes, na comunidade de Areia.

Ainda no que diz respeito à metodologia, elaborou-se uma ficha do informante com dados pessoais e sociais (sexo, idade, grau de escolarização, profissão, nível sócio-económico), assim como também um roteiro de entrevista. Relativamente à transcrição dos dados linguísticos gravados, o objectivo foi transpor o discurso falado da forma mais fiel possível para o registo gráfico, possibilitando o estudo do discurso oral. Como este apresenta hesitações, repetições, reformulações e truncamentos, nem sempre os recursos disponíveis nos sistemas ortográficos são suficientes para dar conta de todos estes aspectos. Sem esquecer também que o discurso falado se caracteriza ainda por particularidades contextuais, como gestos



e atitudes. Por isso, antes de dar início ao processo de transcrição é necessário delimitar com clareza o grau de detalhamento a utilizar. A fidelidade aos dados orais deve ser sempre o objectivo da transcrição, pois queremos registar o que foi dito por um falante e da forma como foi dito.

A grande maioria dos sistemas de transcrição toma como ponto de referência o sistema ortográfico, tendo a vantagem de garantir maior legibilidade. A transcrição grafemática, acrescida de algumas convenções necessárias ao registo de traços suprasegmentais, foi adoptada no estudo da língua falada do Projecto NURC (Norma Urbana Culta) do Brasil. Assim, na transcrição das entrevistas, também optámos por notações gráficas, dando conta, no entanto, de alguns fenómenos fonéticos, por exemplo: se o morfema *-r* do infinitivo foi ou não pronunciado pelo informante e de formas como *crece*, em vez de *cresce*, em que ocorre a assimilação da consoante *-s-* em posição de coda pela consoante em posição de ataque da sílaba seguinte. A pausa, independentemente da sua duração, foi assinalada por reticências. Não houve, portanto, uma preocupação em registar de forma detalhada as propriedades fonéticas do discurso do falante. Apesar disso, procurou-se manter grande fidelidade ao texto falado, incorporando na transcrição formas como *cê* (em vez de *você*) e *tá* (em vez de *está*).

Resultados sociolinguísticos do Brasil

Os estudos sociolinguísticos existentes para o Brasil mostram claramente que a mulher se preocupa mais com a correcção da norma culta e com o prestígio social no uso da língua, sendo linguisticamente mais conservadora do que o homem e apresentando maior influência da norma padrão imposta pela escola, tendendo a usar formas mais prestigiadas socialmente do que os homens do mesmo grupo social. Pretendemos verificar se esta tendência se confirma na amostra dos dados das entrevistas realizadas na cidade de Areia que nos propomos analisar.

Já sabemos que a variabilidade linguística é influenciada por factores estruturais e sociais, uma vez que as variantes do uso da língua são motivadas, sistemáticas e previsíveis. Assim, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes, como a variável morfossintáctica da concordância entre os elementos do sintagma nominal e entre este e o verbo, é um exemplo ilustrativo de predominância no género feminino, por ser a variante mais prestigiada, sendo muito menos recorrente entre

falantes do sexo masculino. Pois, segundo Maria da Conceição de Paiva, no seu artigo “A variável género/sexo”, a mulher é mais receptiva à norma da escola, ou seja, «as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente.». Pela mesma razão, “a ocorrência do pronome de segunda pessoa tu sem concordância com o verbo (Tu quer uma cerveja?) é mais frequente na fala dos homens do que na fala das mulheres.” (2004: 34-35). Maria da Conceição de Paiva acrescenta ainda que

do cruzamento entre a variável género/sexo com outras variáveis independentes como idade, escolaridade, classe social, ou com a variável estilo de fala, podem emergir padrões de correlação diferenciados que apontam a relatividade das correlações entre uso de variantes linguísticas e o género/sexo do falante. [...] A interacção entre género/sexo e classe social faz sobressair o fato de que as diferenças linguísticas entre homens e mulheres podem ser mais ou menos acentuadas em função da classe social a que eles pertencem. [...] de forma geral, as diferenças entre a fala de homens e mulheres são mais salientes nos grupos sociais intermediários (normalmente classe média) do que nos grupos extremos (classe baixa e classe alta) (2004: 37).

34

A mesma autora informa ainda que “Homens e mulheres mais jovens apresentam grande semelhança de comportamento linguístico, enquanto homens e mulheres mais velhos tendem a apresentar diferenças mais notáveis.” (2004: 39). Anthony Julius Naro, no artigo “O dinamismo das línguas”, escreve que “os falantes mais velhos costumam preservar mais as formas antigas, o que pode acontecer também com as pessoas mais escolarizadas.” (2004: 43). Pretendemos também verificar se os dados linguísticos a estudar permitem confirmar estas afirmações.

O nível de escolaridade é determinante no uso da norma culta ou da norma popular da língua portuguesa no Brasil. No entanto, actualmente, segundo os resultados do projecto NURC (Projecto de Estudo Coordenado da Norma Urbana Linguística Culta), que constitui um banco de dados de falantes universitários gravados em cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), verifica-se que, por

exemplo, a ausência de concordância em número, traço característico do português popular do Brasil, está se estendendo à norma culta.

1. *A gente versus nós*

Na variação entre *nós* e *a gente*, na expressão da primeira pessoa do plural, predomina massivamente a forma *a gente*, em detrimento de *nós*, mesmo na norma culta, embora *nós* seja a forma tradicional da gramática. A forma *a gente*, concorrente de *nós*, perdeu propriedades de nome, ganhando propriedades gramaticais de pronome, especializando-se sem perder inteiramente algumas das suas nuances semânticas originais, como, por exemplo, a referência a um número indefinido de pessoas. Este traço persiste no estado de variação actual, sendo que *a gente* predomina nos contextos em que a referência à primeira pessoa do plural é mais indeterminada, incluindo um número maior de pessoas. O uso de *a gente* é um processo de extensão semântica, em que a expressão *a gente* é reanalisada como equivalente a *nós*. A expressão *a gente* é uma variante inovadora, predominando nas faixas etárias mais jovens, sendo muito frequente na fala da informante mais jovem, apesar de ser mulher, e muito menos frequente na fala da informante mais velha. Trata-se de uma alternância presente em diferentes variedades do Português Europeu e do Português do Brasil e, ao que tudo indica, imune à avaliação social, não envolvendo uma oposição entre forma prestigiada e forma não prestigiada. De seguida, apresentamos alguns exemplos do discurso oral dos dois falantes, envolvendo empregos de *a gente* e *nós*:

(1) Isso daí é o caldo mesmo da cana. Eles pararam **pra gente** poder falar. Ali tem o caldo. Ele vai direto agora. Ele parou **pa gente** conseguir falar. (F0001)

(2) No primeiro momento vejam só todas as outras dornas, aquelas ali **a gente** está começando a safra, porque **a gente** passa três meses sem funcionar. (F0001)

(3) Depois que **a gente** tira não fica um sujinho no copo, e coloca outro, então com 24 horas é bem rápido que coalha, então é o mesmo processo. (F0001)

(4) Mais quatro filhos pequenos estudando. Mas acontece que o sonho **da gente**, o sonho dele era maior e o meu amor por ele era muito grande também. (F0001)

(5) Então, eu, ele e os quatro minino, à noite. A primeira garrafa que

a gente teve, não tinha dinheiro pra comprar a de vidro, então era de plástico, que foi quando **a gente** conseguiu fazer estoque, porque o mercado não aceitou. (F0001)

(6) **A gente** também precisava de uma máquina pra tampar. E aí ele carregou o moinho de moer carne da mãe dele. Adaptou isso daqui e **a gente** conseguiu fazer isso. (F0001)

(7) **A gente** pode ver melhor nos outros alambiques. Bora ver! são oito alambiques, sendo que um é pro álcool. O meu filho fez assim. É aquele ali, esses outros são da cachaça. esse aqui foi aquele funcionário lá. (F0001)

(8) **A gente** quer distribuir alegria, mas não quer que ninguém fique embriagado. Eu bebo pouco. Eu gosto, mas é mais ou menos como quem gosta de macarronada, mas deve comer pouco. (F0001)

(9) Quando **a gente** completou assim um ano de triunfo, então a gente já tinha três funcionários. Aí já não dava mais conta de engarrafar e tal. Tinha que ser uma coisa maior. Então, **a gente** foi pra Recife, e viu a máquina de engarrafar mais barata que **a gente** encontrou, trinta mil reais. **A gente** voltou arrasado. Isso era julho de 2002, **a gente** voltou arrasado, porque não tinha dinheiro pra isso. (F0001)

(10) **Pra gente** ele foi muito importante. Então, ele deu um conselho. Ele disse assim pra gente, um dia quando vocês forem engarrafar, vocês nunca engarrafem numa garrafa grande, porque é assim, é feio se dizer eu tomei um litro de cachaça. (F0001)

(11) **A gente** tem essa embalagem de 200ml e a padrão que é 300ml. O nosso maior cliente é estudante universitário. (F0001)

(12) Mais o mais brilhante é ele descobrir que **nós** mulheres somos igual à cachaça. (F0001) (13) Essa é a parte do cozimento. Onde aqui tá mostrando a época antiga. Tá mostrando o paró(l) feito de madeira. Hoje **a gente** chegando no engenho moderno, hoje é parol feito com alvenaria, cimento. (F0002)

(14) **A gente** não vê essa peça chamada de serpentina, não. Essa peça aqui é o alambique e essa peça aqui é a serpentina. **A gente** não vê ela, porque ela trabalha coberta com água. (F0002)

A forma *a gente* é favorecida principalmente em contextos em que a

referência do sujeito compreende um número grande e indeterminado de pessoas, no entanto, no caso da primeira informante, a expressão *a gente* refere-se concretamente a ela e ao marido. Como podemos verificar, os dois informantes utilizam a expressão *a gente* em vez de *nós*, apresentando um número elevado de ocorrências. Salientamos o facto de apenas termos registado uma ocorrência do pronome pessoal *nós*, em (12).

2. Contrações gerundivas

As contrações gerundivas, formadas pelo presente do indicativo do verbo auxiliar mais a forma gerundiva do verbo principal, sem a preposição *a*, por exemplo *está aproveitando* em vez de *está a aproveitar*, são comuns ao dialecto madeirense e ao Português do Brasil. Trata-se de perífrases com gerúndio que são muito abundantes e ocorrem, predominantemente, na acepção de presente. Seguidamente, apresentamos alguns exemplos do discurso oral dos informantes, em que registámos ocorrências de construções gerundivas.

(1) O que você **está achando** estranho é que a cachaça inicialmente era da borra da rapadura, porque era uma bebida de escravos que inventaram porque a cachaça naquele tempo não era uma bebida de qualidade, então hoje nos engenhos que fazem rapadura, ainda você consegue ver alguma cachaça. Eu que gosto muito de cachaça, se eu provar essa cachaça, eu sinto os borra da rapadura, porque é uma coisa que não é de qualidade é um subproduto que **está aproveitando**. (F0001)

(2) É aqui direto gente, o engenho é aqui direto. Aqui gente, a sala de fermentação é aqui em cima, pode subir. É o cheiro da fermentação. Pode subir. Aquele caldo que a senhora viu lá dece por aquele cano e vem ficar aqui, que **vai ficar fermentando** 24 horas. (F0001)

(3) No primeiro momento vejam só todas as outras dornas, aquelas ali a gente **está começando** a safra, porque a gente passa três meses sem funcionar. (F0001)

(4) Então, ela **fica** aqui **fermentando**. Essa daqui foi cheia há pouco tempo, então ela ainda vai fazer aquela espuma. Aquela dali já tá bem paradinha, bem perto de ser destilada. (F0001)

(5) Ele tem um cano, tá vendo, essa aí **está acabando** de encher, aquele cano já vai colocar outra. (F0001)

(6) Agora ela vai pro fogo. Aqui ela não tem temperatura nenhuma ela **está fermentando** completamente natural. Não tem fogo em baixo, no alambique é que tem fogo. (F0001)

(7) Mais quatro filhos pequenos **estudando**. Mas acontece que o sonho da gente, o sonho dele era maior e o meu amor por ele era muito grande também. (F0001)

(8) Então, o bagaço que vocês viram, esse bagaço se dá pro gado, é adubo, tá certo? E também o meu marido **tá desenvolvendo** uma máquina pra, ou seja, são madeiras pra se colocar na padaria. (F0001)

(9) A gente não sabia que ele sabia fazer essa arte. É aí ele foi **tá fazendo** aquele da frente. (F0001)

(10) Porque aquela dorna de cinco mil litros, então é mais ou menos assim, mil litros vem, o resto **fica esperando**. Então, aí, o outro já fica esperando nessa caixa aí, que se chama pré-aquecedor, porque **fica esquentando**. (F0001)

(11) Não **tá fervendo** mas tá morna. A **cachaça**, ela vai sair aqui oh, **tá vendo** que ela já vai pingar aí ela sai aí já no processo final. (F0001)

(12) Esse lugarzinho aqui, é onde o senhor de engenho arrumava uma rede e daí **ficava comandando** todo o movimento do engenho, né? Era o lugarzinho certo pra ter a rede, ficar **observando** e **comandando** todo o movimento do engenho. (F0002)

(13) Essa é a parte do cozimento. Onde aqui **tá mostrando** a época antiga. **Tá mostrando** o paró(l) feito de madeira. Hoje a gente **chegando** no engenho moderno, hoje é parol feito com alvenaria, cimento. (F0002)

(14) Aí, aqui são as formas da rapadura, esse é o pau que mexe o mé(l) e o mestre da rapadura, aqui, coloca o mé(l) e **fica puxando** com essa cuia aqui, formando a rapadura bem feitazinha nessa forma. (F0002)

(15) Tem de ser batido aqui o mel antes de passar pa forma de rapadura. Já **começa petrificando** aqui, **petrificando** não é engrossando. (F0002)

(16) Onde a galinha passou com os pés cheio de barro, diz que o açúcar clareou mais. Por causa disso **ficaram utilizando** o barro acima do mel, dizem que dá um choque térmico, o barro com o mel e o açúcar cristalizava melhor. (F0002)

(17) Aqui o caldo **tá fermentado** no ponto de ir pa o alambique pa

ferver e transformar em cachaça. O mestre da cachaça tira o caldo aqui da cuba, traz aqui pra o alambique e coloca fogo aqui no forno do alambique coloca o caldo aqui dentro do alambique... a gente chegando no engenho que **tá fabricando** cachaça... (F0002)

(18) Eles **tão descartando** ela. Eles não mistura com a outra cachaça, e não utiliza pa consumo não, descarta a cachaça de cabeça. (F0002)

Como podemos verificar, as perífrases verbais com gerúndio são recorrentes no discurso oral dos dois entrevistados. Constatamos que os verbos auxiliares mais frequentes são o verbo estar, em (1), (3), (5), (6), (8), (9), (11), (13), (17) e (18), e ficar, em (4), (10), (12), (14) e (16). Registámos ainda uma ocorrência com o verbo auxiliar começar, como podemos ver em (15).

3. Concordância de número

A ausência de concordância entre o artigo, o nome e o verbo, por exemplo: «Os menino brinca na rua», em que o morfema de plural apenas ocorre no determinante, é uma frase muito frequente no Brasil que, actualmente, ocorre tanto na norma popular como na norma culta brasileira. A análise do *corpus* seleccionado confirma essa realidade, pois a ausência de concordância dentro do sintagma nominal e entre este e o verbo é frequente na fala dos dois informantes, embora alternando com formas que apresentam concordância, como podemos observar.

(1) Eu que gosto muito de cachaça, se eu provar essa cachaça, eu sinto **os borra da rapadura**, porque é uma coisa que não é de qualidade é um subproduto que está aproveitando. (F0001)

(2) Ele não queria, porque ele dizia que só queria trabalhar pra mim e pra os 4 filhos. Nós temos **4 filhos**. E eu até pensava diferente, porque não é fácil, gente.. . (F0001)

(3) Então, eu, ele e os quatro **minino**, à noite. A primeira garrafa que a gente teve, não tinha dinheiro pra comprar a de vidro, então era de plástico, que foi quando a gente conseguiu fazer estoque, porque o mercado não aceitou. (F0001)

(4) A gente pode ver melhor nos **outros alambiques**. Bora ver! são oito alambiques, sendo que um é pro álcool. O meu filho fez assim. É aquele



ali, **esses outros são** da cachaça. esse aqui foi aquele funcionário lá. (F0001)

(5) Mais o mais brilhante é ele descobrir que **nós mulheres somos igual** à cachaça. (F0001)

(6) É uma peça feita com cipós, é pra pegar o bagaço e colocar pra secar, carrega o bagaço da moenda pra colocar no chão pra secar, o bagaço cai em cima do banguê, depois **os home carrega** pro só(l), pra colocar o bagaço no só(l) pra secar. (F0002)

(7) Vai aqui a baixo da moenda, num depósito de madeira, depois cai **nas calha de madeira**, pa ir pa o lugar do cozimento. Aí cai numa caixa chamada de paró(l), no lugar do cozimento. O paró(l) é lá no lugar do cozimento, onde o pessoal cozinha o caldo pa transformar em mel, depois de mel, transformar em rapadura e açúcar. (F0002)

(8) Cai num depósito, depois destila nesse dreno, na calha de madeira, pa ir pa o lugar do cozimento. A peça chamada de paró(l). Vamos vê o paró(l) lá também. Aqui olhamos a máquina, porque esse engenho aqui ele mostra a evolução de como **evoluiram os engenho**. (F0002)

40

(9) O vapor era com fogo, pegava a pressão e movimentava como se fosse um motor. Pegava o vagão do trem e nos engenhos serviu pra moenda pra moer cana, né? (F0002)

(10) A caldeira é a máquina a vapor. É o mesmo motor que puxa o trem maria fumaça. Foi utilizada em **engenhos** pra puxar a moenda, pra moer cana também. (F0002)

(11) Casa da moenda e depois sala das máquinas. O engenho é o local **das moendas**. Agora, vamos ver o lugar do cozimento, onde cozinha o caldo da cana. Aqui era o local **das moendas**, justamente. (F0002)

(12) Existe **alguns engenho** que tem um parol já com material inox também. justamente é o lugar onde para o caldo da cana. É daqui do paró(l) que o caldo vai pa **os tacho**, pa ferver e transformar em mel. (F0002)

(13) **Esse** aqui são **os tachos**. **Todos tem** nome: o primeiro tacho aqui é recebedeira, o segundo chama de caldeira, o terceiro é caldeirote, o quarto é chamado de apurador. e o último, esse mais pequeno, é chamado de boca, porque ele fica na boca da fornalha, onde o fornalheiro coloca fogo pa **todos os tachos**. (F0002)

(14) Aí, aqui são **as formas da rapadura**, esse é o pau que mexe o



mé(l) e o mestre da rapadura, aqui, coloca o mé(l) e fica puxando com essa cuia aqui, formando a rapadura bem feitazinha nessa forma. (F0002)

(15) O primeiro é recebedeira, o segundo caldeira, o terceiro caldeiro-te, **os mais pequenos são** apurador e boca porque já vai diminuindo e aqui resfriadeira, que não tem fogo debaixo dele. (F0002)

(16) Toda a região do Brejo é a região da cultura da cana de açúcar, onde tem solos apropriados pa a cana de açúcar e também a região mais criativa de **muitos engenhos**. Por causa disso, ele é chamado de Museu do Brejo, que é pa toda a região do brejo, né? (F0002)

(17) **Essas formas são formas** de fabricá o açúcar mascavo. **Todas essas formas tem** um furo nelas. (F0002)

(18) E também podia voltar a ferver **nos tacho** pa fazer rapadura, porque aquele mel não cristaliza. e o açúcar cristalizava em três partes aqui na forma. (F0002)

(19) **Eles comia** bacalhau naquela época, comia charte, comia carne de boi, comia mel, rapadura, e o açúcar mascavo, porque o açúcar que tinha mais proteínas e vitaminas era esse o mascavo. Os escravos se deram muito bem. (F0002)

(20) Inicialmente, não colocava nada na forma, mas o pessoal mais velho dizem que **os engenho fez** uma descoberta um dia, porque diz que passou uma galinha em cima **das formas do açúcar** e diz que ela estava com os pés cheios de barro. (F0002)

(21) Aí o mestre do açúcar falou pa o senhor de engenho, e um dia o senhor de engenho foi verificar e tirá o **rasto das galinha** pa ver se não ficava terra no açúcar aí acharam que o açúcar cristalizou melhor do que **as outras formas**. (F0002)

(22) Onde a galinha passou com **os pés cheio de barro**, diz que o açúcar clareou mais. Por causa disso ficaram utilizando o barro acima do mel, dizem que dá um choque térmico, o barro com o mel e o açúcar cristalizava melhor. (F0002)

(23) Foi quando acabou a escravidão, aí **os senhores de engenho construíram umas casinha** na propriedade pra colocá(r) pessoas pobres pa morar, pra fazer o trabalho **dos engenho**. (F0002)

(24) Depois quebravam **as pedra de açúcar** com um pedaço de madeira pa transformar em pó, pa fazer exportação. Cortava com um



facão e separavam as três partes, né? O branco, o cristal e o mascavo.
(F0002)

(25) São plantazinhas de colocar em moendas pra o motor puxar **as moendas**, é. (F0002)

(26) É um tanque de alvenaria pa lavá(r) **as formas**, que se preenchesse **as forma** com rapadura e tirasse a rapadura da forma e não lavasse bem lavadinha, pela segunda vez, não soltava a rapadura, quebrava todinha ao tirá da forma. Tinha que ser bem lavado, na hora que tirasse a rapadura da forma. (F0002)

(27) Justamente, o açúcar não batia, mexia um pouco com **essas palheta**, aí é no esfriamento, no esfriamento ia engrossando mais o mel.
(F0002)

(28) Todos **os tachos tem** fogo, só não tem o do resfriamento, mas os outros todos **eles tem** abertura, e existe fogo debaixo de todos eles pa o cozimento, pa cozinhá(r). **Os tacho** é de ferro fundido. (F0002)

(29) **Os mestre do cozimento** é dois mestre pa cozinhar o caldo, pa transformá(r) em mel e o mestre da rapadura é outro e o mestre de açúcar é outro. (F0002)

(30) O forno do alambique, é. É forno é. A fornalha é pra **os tachos**.
(F0002)

(31) Agora, aqui na região, já tem **muitos engenho** que **tá** aproveitando a cana de cabeça. (F0002)

Há claramente uma variação entre a concordância em número dentro do sintagma nominal e a ausência de concordância nos dois informantes, sendo que a ausência de concordância é maior no falante masculino, menos escolarizado, sendo claramente uma marca da norma popular brasileira. Como podemos notar, aqui é visível uma simbiose de contacto entre as duas normas, pois tanto a norma culta é marcada pela popular como a popular é marcada pela culta. Em relação à concordância entre o sujeito e o verbo, predomina claramente a ausência de concordância, sobretudo com o verbo *ter* em (12), (13), (17) e (28), mas também com o verbo *fazer* em (20), *ser* em (28) e (29) e o verbo *estar* em (31). Em (4), (5), (15), (17) e (23) registámos a ocorrência de concordância entre o sujeito e o verbo. Curiosamente, em (8), apesar do sujeito estar posposto ao verbo, este apresenta concordância de número com aquele, embora tratando-se do discurso oral do informante masculino, menos escolarizado. Estas ocorrências podem ser explicadas por influência da norma



culta, dado que o informante masculino, embora com um nível de instrução básico, como funcionário do Museu, esteve muitos anos em contacto com o antigo guia, falante da norma culta, que lhe passou toda a informação sobre a cultura açucareira, tendo vindo a ocupar o seu lugar no Museu da Rapadura e da Cachaça, na cidade de Areia.

4. Formas verbais

Como podemos verificar, as variações no uso das formas verbais, aqui apresentadas, apenas ocorrem no discurso do informante masculino, menos escolarizado, o que denuncia ser uma marca da norma popular do Português do Brasil.

(1) É uma peça feita com cipós, é pra pegar o bagaço e colocar pra secar, **carrega** o bagaço da moenda pra colocar no chão pra secar, o bagaço cai em cima do banguê, depois os home carrega pro só(l), pra colocar o bagaço no só(l) pra secar. (F0002)

(2) Casa da moenda e depois sala das máquinas. O engenho é o local das moendas. Agora, vamos ver o lugar do cozimento, onde **cozinha** o caldo da cana. Aqui era o local das moendas, justamente. (F0002)

(3) **Tem** abertura, **tem** a boca da fomalha aí. **Tem** abertura pa o fomalheiro colocá fogo pa debaixo dos tacho(s). O último chamado de boca fica na boca da fomalha e esse que tem de lado aqui é chamado de resfriadeira. Esse aqui não tem fogo debaixo dele não, que é pra mexer o mel , pa esfriar um pouco, pa trazer pa forma, pa fabricá a rapadura. (F0002)

Em (1) e (2), registámos a ocorrência de formas verbais na terceira pessoa do singular, mesmo quando o sujeito é plural, *nós* ou *eles*. Em (2), o sujeito parece indeterminado, embora possa ser a primeira pessoa do plural, *nós* ou a *gente*. Em (3), encontramos a forma *tem* do verbo *ter* por *haver*, característica também da norma popular brasileira.

5. Anáfora

A anáfora (dar a identidade de alguém ou algo, uma vez, no início, e, depois, referir-se-lhe como ele ou ela) constitui uma espécie de cadeia, através do discurso, na qual cada expressão está ligada a outra. O processo de

substituição de uma palavra pelo pronome pessoal permite evitar a repetição dessa palavra. No caso da substituição da palavra *aguardente* por *ela*, em (2), provoca ambiguidade (cana ou cachaça).

(1) A procura é muito maior do que a oferta. Então, os vendedores ficam brigando por causa da **aguardente**. E Para que a **aguardente** saia bem, ela tem que ter o descanso, pra ter uma ótima qualidade, então não pode sofrer pressão dos vendedores. (F0001)

(2) Esse é o primeiro processo, **a cana** tem que ser crua pra ser uma **cachaça** de boa qualidade, ela deve ser moída com menos de 24 horas, depois de ser cortada no campo. **Ela** dece e aqui já por decantação **ela** tem uma certa limpeza já. O bagacinho da cana que fica passando, **ela** já vai limpando um pouco, além da peneira, então **ela** vai decer aí nessa tubulação e vai chegar na sala de fermentação, que a gente vai lá agora. (F0001)

(3) Esse aqui é uma **cabaça cerrada**, transforma ela em duas cuias, uma cuia da cuitê, amarra num pedaço de madeira desse e passa a se chamá de passadeira, passadeira porque é pa passar mel de um tacho desse pa outro. (F0002)

(4) Este aqui do cozimento, fica passando mel de um tacho desse pra outro com uma peça dessa por causa disso **ela** tem o nome de passadeira. Depois do mel apurado, eles traz aqui pra **a forma**, pra essa mesa, chama-se o tendal da rapadura, aqui chama-se o tendal da rapadura, essa mesa. né? (F0002)

(5) É só pegá **a forma**, colocar em cima do tendal e emborca ela, dá uma pancadinha e solta toda a rapadura. Aí, vão lavar essa forma bem lavadinha, porque se não lavá bem lavadinha e preencher com água, quando usar novamente, pela segunda vez não vai soltá, gruda na madeira, quebra todinha e não solta, por causa disso tem de ser bem lavada. (F0002)

(6) Essa **palheta** aqui, era a **palheta** maior são pra mexer o **mel** aqui um pouco pa esfriar um pouco, ele tá bem grosso. Aqui **ele** fica na espécie certa pra trazer pa forma pa fabricá(r) rapadura. (F0002)

(7) Aqui o **caldo** vai cuidar das bactérias pa acabar com a sujeira que tem nele. **Ele** aqui vai criar o azedume, a fermentação que vai comê(r) todo aquele doce. Não pode colocá(r) uma peça dessas cheia de **caldo**, não, porque o **caldo** também crece. **Ele** crece, a pessoa coloca aqui a mão tá quente, parece que foi fervido, mas não. **Ele** aquece aqui naturalmente,

por ele mesmo, e vai criando espuma em cima na cuba, enquanto existe doce no **caldo**. **Ela** vai só crecê(r) na cuba. (F0002)

A par do pronome pessoal sujeito anafórico, registámos também a ocorrência de variação nas formas de realização do objecto directo anafórico, ou seja, a ocorrência do pronome pessoal ele/ela como objecto directo, sendo que as prescrições normativas criticam este uso do acusativo, que ocorre em (3) e (5).

6. Formas diminutivas

As formas diminutivas, como forma de expressividade afectiva, além de serem frequentes na linguagem infantil, ao nível familiar, são também características da norma popular. Inicialmente, pensámos que as mulheres utilizavam mais as formas diminutivas, mas verificámos que estas são mais frequentes no discurso popular oral do informante masculino do que no discurso da informante feminina.

(1) Então, ela fica aqui fermentando. Essa daqui foi cheia há pouco tempo, então ela ainda vai fazer aquela espuma. Aquela dali já tá bem **paradinha**, bem perto de ser destilada. (F0001)

(2) Essa história **bonitinha** pra contar agora, mas não era **bonitinha**, eu trabalhava dez horas por dia fora, ele trabalhava muito mais, porque acordava mais cedo e o trabalho dele no sítio é muito pesado. (F0001)

(3) Aqui atrás tem fogo, em determinada hora ele vai subir em forma de vapor. Quando subir em forma de vapor, ele vai passar por esses **caninhos** aí. (F0001)

(4) Então, ele foi e inventou essa **maquinazinha** aqui. Então é assim, é semiautomática e até hoje a gente ainda engarrafa nela a de canela e a bidestilada que é menor. (F0001)

(5) Essa tem uma **tampinha** de uísqui, é sofisticada e tal. Então, eles vão tomar aquela. Então, veja, essa máquina aqui é que vale mais ao menos ao moinho lá. Então, essa **tampinha** era parecida com aquela outra. (F0001)

(6) Aí, aqui são as formas da rapadura, esse é o pau que mexe o mé(l) e o mestre da rapadura, aqui, coloca o mé(l) e fica puxando com essa cuia aqui, formando a rapadura bem **feitazinha** nessa forma. (F0002)



(7) É só pegá a forma, colocar em cima do tendal e emborca ela, dá uma **pancadinha** e solta toda a rapadura. Aí, vão lavar essa forma bem lavadinha, porque se não lavá bem lavadinha e preencher com água, quando usar novamente, pela segunda vez não vai soltá, gruda na madeira, quebra **todinha** e não solta, por causa disso tem de ser bem lavada. (F0002)

(8) Esse aqui é uma tina, onde coloca uma **aguinha de cal**, pa tirá as impurezas que vem da cana do campo pra o engenho. (F0002)

(9) Toda a sujeira vem na cana do campo pra o engenho, vai ser tirada nesse tacho chamado de caldeira. na hora que jogá aquele **pouquinho de água de cal**, vai evaporá muita sujeira. Toda a sujeira sobe. Fica o mel limpo, sem sujeira nenhuma. na hora que joga aquela aguinha de cal. (F0002)

(10) Essas formas são formas de fabricá o açúcar mascavo. Todas essas formas tem um furo nelas. Eles colocavam uma **tampinha de madeira** nesse furo e enchia de mel pa alisar, pa colocar encima do tendal, bancada, chama o tendal do açúcar e colocar nos depósito abaixo, porque mesmo com a **tampinha de madeira** no fundo da forma, o mel que não cristalizava, passava **todinho** por esse furo. É o chamado mel de furo, é o mel que servia de alimento pa o pessoal. (F0002)

(11) São **plantazinhas** de colocar em moendas pra o motor puxar as moendas, é. (F0002)

(12) É um tanque de alvenaria pa lavá(r) as formas, que se preenchesse as forma com rapadura e tirasse a rapadura da forma e não lavasse bem **lavadinha**, pela segunda vez, não soltava a rapadura, quebrava **todinha** ao tirá(r) da forma. Tinha que ser bem lavado, na hora que tirasse a rapadura da forma. Lavá(r) a forma bem **lavadazinha**, pa quando fosse da segunda vez, soltá(r) a rapadura facilmente da forma. (F0002)

(13) Uma cuba de fermentação de caldo, porque o caldo, se ferver ele com qualquer **coisinha** de doce, não vai fazer cachaça de jeito nenhum. Vai transformar em mel, em garapa fervida. (F0002)

(14) Produzia 4 a 5 litros de cada vez. Dizem que naquela época não havia comércio de cachaça, eles guardava **cachacinha** em casa e ficava consumindo com a família, né? (F0002)



Em (12), a forma *lavadinha*, mais do que expressão de afectividade, parece querer dizer muito bem lavada, tendo um valor de reforço ou intensidade. Na mesma ocorrência, a forma diminutiva *todinha* também parece exprimir completude e não afectividade. Ainda em (12), registámos a variante morfológica *lavadazinha* por *lavadinha*.

7. Alterações fonéticas

As alterações fonéticas registadas são características da norma popular do Português Europeu e do Português do Brasil, nomeadamente *dece* por *desce*, *crece* por *cresce* (assimilação e supressão da consoante final de sílaba -s- pela consoante seguinte) e *compreto* por *completo* (troca da consoante líquida *l* por *r*). Como podemos verificar, a primeira alteração fonética é comum aos dois falantes, enquanto o segundo traço apenas ocorre na fala do informante masculino, menos escolarizado, sendo uma marca do português popular ou familiar do Brasil.

(1) Na realidade, esse cano aí está ligado lá com a moenda, que **dece** toda por gravidade. Aí, daqui, também tem um tubo pra ela ir lá pros alambiques. (F0001)

(2) Tirando o pão de açúcar **compreto** da forma, depois separava as três partes, o branco, o cristal e o mascavo, cortando com um facão. (F0002)

(3) Não pode colocá(r) uma peça dessas cheia de caldo, não, porque o caldo também **crece**. Ele **crece**, a pessoa coloca aqui a mão tá quente, parece que foi fervido, mas não, ele aquece aqui naturalmente, por ele mesmo e vai criando espuma em cima na cuba, enquanto existe doce no caldo ela vai só *crecê(r)* na cuba. (F0002)

(4) Essa parte... chama por **compreto** o alambique. Só conheço por alambique **compreto**. (F0002)

(5) **Vamo** decer pra sala de fermentação. Vai chegar lá pra fermentar. Aquela borra é como se fosse espuma não vai tirar não. (F0001)

(6) Bom, então **casamo**, mas não tinha engenho. Infelizmente o pai dele morreu e ele recebeu uma herança de uma propriedade. Então, ele vendeu a propriedade e comprou o primeiro alambique e a primeira moenda que foi quinze mil reais. (F0001)

Curiosamente, registámos, na fala da informante feminina, em (5) e (6), as formas verbais *vamo* e *casamo*, com a supressão do -s final de palavra, que, no dialecto da ilha da Madeira, sofre semivocalização, passando à semivogal palatal [j]. Também é curioso notar que não encontrámos este tipo de alteração fonética no informante masculino, mais velho e menos escolarizado.

A variação linguístico-discursiva registada nas entrevistas realizadas aos dois informantes estudados, homem e mulher na faixa etária dos 40 aos 60 anos, com níveis de escolaridade diferentes, confirmou a grande extensão da expressão inovadora *a gente*, em vez da variante conservadora *nós*. A ocorrência massiva da expressão *a gente* em detrimento de *nós* mostra que a forma *a gente* já apresenta tanto ou mais prestígio social do que a forma tradicional *nós*. Assim, verificamos que, no Português do Brasil, o uso da expressão *a gente* já não se restringe à fala popular ou familiar, mas já está generalizado no discurso oral culto.

Relativamente às perífrases de gerúndio, constatamos que o número de ocorrências destas é comum aos dois informantes. Já no que diz respeito à concordância em número, dentro do sintagma nominal e entre o verbo e o sujeito, o número de ocorrências com ausência de concordância é maior no discurso do falante menos escolarizado, sendo uma marca da norma popular do Português do Brasil. Embora a variante da ausência de concordância já esteja também muito presente na fala da primeira informante, mais escolarizada, revelando a penetração desta marca da norma popular na norma culta, e indicando já não ser considerada desprestigiante socialmente, para ocorrer no discurso oral feminino. No que se refere às formas diminutivas, estas são predominantes no discurso do falante masculino, sendo uma marca evidente da norma popular ou familiar. Finalmente, em relação às alterações fonéticas, apenas no discurso do informante masculino, menos escolarizado e de classe social mais baixa, encontrámos as formas *compreto* por *completo*, traço característico da norma popular do Português do Brasil.

Podemos concluir que, apesar da pequena amostra em estudo dos dois informantes da cidade de Areia, os dados linguísticos analisados confirmam as variantes estruturais e sociais das normas culta e popular do Português do Brasil e a simbiose de variações resultante do contacto entre as duas normas, em que uma apresenta marcas da outra e vice-versa.

Bibliografia

Labov, William: 1994, 2001, *Principles of Linguistic Change* (vol.1 *Internal Factors*, 1994; vol.2 *Social Factors*, 2001), Blackwell.

Mollica, Maria Cecilia & Braga, Maria Luiza (org.): 2004, *Introdução à Sociolinguística. O tratamento da variação*, Contexto Editora, São Paulo.

Prete, Dino (org.): 2003, *Léxico na língua oral e na escrita, Projetos Paralelos -NURC/SP*, Humanitas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Weinreich, Labov & Herzog: 2006, *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística* (trad. Empirical foundations for a theory of language change, publicado em *Directions for Historical Linguistics - A Symposium*, W. P. Lehman e Yakov Malkiel, University of Texas Press, Austin-London, 1968, pp. 95-199), S. Paulo, Parábola Editorial.

J
A
N
E
L
A

D
A

L
I
N
G
U
Í
T
I
C
A